

DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL E O FENÔMENO CULTURAL DOS BOIS- BUMBÁS DE PARINTINS

SUSTAINABLE LOCAL DEVELOPMENT AND CULTURAL PHENOMENON OF PARINTINS FOR STEERS-BUMBÁS

LYDIA MARIA PINTO BRITO

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará
Professor da Universidade Potiguar - UNP
lydiampbrito@yahoo.com.br

EDINELZA MACEDO RIBEIRO

Mestre em Administração pela Universidade Potiguar
Professor da Universidade do Estado do Amazonas
ediribeiro27@hotmail.com

Recebido em: 17/08/2009

Aprovado em: 13/11/2009

ISSN 2175-5787

Resumo

A pesquisa investigou como os atores sociais internos e externos percebem a influência do fenômeno cultural dos bois-bumbás para o Desenvolvimento Local Sustentável (DLS) da cidade de Parintins. Considerou-se a emergência de atores sociais, a formação de redes, a construção de projetos coletivos e a institucionalização. Este trabalho justifica-se pelo valor que tal fenômeno representa para a comunidade local e por criar um espaço de expressão, reflexão e produção de conhecimento. Os pressupostos foram: A- Existem elementos da cultura brasileira presentes no contexto dos bois-bumbás; B- A cultura indígena do estado do Amazonas confere significado aos elementos que possibilitam a construção dos bois-bumbás; e C- O boi-bumbá está transformando-se em mercadoria relacionada às necessidades do capital. O referencial de análise baseou-se em teorias sobre desenvolvimento local sustentável, cultura e cultura brasileira. Utilizou-se a metodologia qualitativa. Verificou-se, pelo discurso dos atores sociais envolvidos, a ausência da internalização do conceito do DLS.

Palavras-Chaves: Desenvolvimento Local Sustentável. Fenômeno Cultural dos bois-bumbás de Parintins. Cultura

Abstract

This research investigated: how internal and external social actors perceive the influence of the cultural phenomenon of steers-bumbás for Sustainable Local Development (DLS) of the city of Parintins? The general objective was to identify the perceptions of social actors on the influence of the cultural phenomenon of steers for the DLS, considering the emergence of social actors, network building, the construction of collective projects and institutionalization projects. It is justified by the value that this phenomenon represents for the local community and to create a space for expression, reflection and production of knowledge about the local reality. The assumptions of the study were: A- There are elements of Brazilian culture in the context of steers-bumbás, B- The indigenous Amazonian culture gives meaning to the elements that enable the construction of steers-bumbás, and C- The steers-bumbás is turning into commodity subsume the needs of the capital. The analytical reference is based mainly on Buarque (1999), Albuquerque (1998), Teisserenc (1994), Motta (1997) and Aktouf (1996.2007). We used qualitative methodology. It is verified by the discourse of social actors involved, the lack of internalization of the concept of the DLS.

Key-Words: Sustainable Local Development. Cultural Phenomenon of steers-bombás of Parintins. Culture

1 – INTRODUÇÃO

A temática do Desenvolvimento Local Sustentável (DLS) faz parte dos debates sobre desenvolvimento como categoria inovadora, introduzindo fatores que contrapõem o modelo tradicional adotado pelos Governos de planejar o desenvolvimento. Arraigado na desconstrução do viés do crescimento econômico, os pressupostos do DLS partem da reformulação das forças existentes no local para a efetiva definição de um processo de desenvolvimento participativo e autossustentável, apostando na melhoria integral da qualidade de vida da população. Nesse contexto de análise, a presente pesquisa se propôs a identificar a percepção dos atores sociais internos e externos sobre a influência do fenômeno cultural dos bois-bumbás para DLS de Parintins. Ela justifica-se pelo valor que esse fenômeno representa para a comunidade local, nos aspectos culturais, econômicos e sociais, além de criar um espaço onde os integrantes do contexto local possam refletir, falar e produzir conhecimento sobre sua realidade. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, pautada na ótica descritiva e explicativa, pois se pretendeu não somente privilegiar a concepção dos indicadores de sustentabilidade, bem como resgatar, de forma detalhada, a evolução histórica do fenômeno cultural dos bois-bumbás, com base nos depoimentos e significados presentes nos discursos das pessoas envolvidas. Os pressupostos que orientaram o estudo foram: A- Existem elementos da cultura brasileira presentes na cultura local representada pelo contexto dos bois-bumbás; B- A cultura indígena do Estado do Amazonas confere significado aos elementos que possibilitam a construção dos bois-bumbás; e C O boi-bumbá está transformando-se em mercadoria relacionada às necessidades do capital. O referencial de análise baseou-se principalmente em Buarque (1999), Albuquerque (1998), Teisserenc (1994), Motta (1997) e Aktouf (1996, 2007). Verificou-se, pelo discurso dos atores sociais envolvidos, a ausência da internalização do conceito do DLS e a sinalização da confirmação dos pressupostos. É importante registrar os limites de um artigo de 14 páginas para explicitar toda a riqueza dos depoimentos de uma pesquisa qualitativa deste porte. O presente texto está estruturado, além desta Introdução, em: 2. Desenvolvimento local sustentável; 3. Indicadores de desenvolvimento local ; 4. Cultura; 5. Resultados da pesquisa e Considerações provisórias.

2 - DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

O desenvolvimento local sustentável é o processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local que, mediante o aproveitamento eficiente dos recursos internos disponíveis em uma zona determinada, é capaz de estimular o crescimento econômico, criar emprego e melhorar a qualidade de vida da comunidade local. É esse potencial interno, quando realizado, que favorece um dos fatores que define o desenvolvimento local. Da mesma forma, um projeto desse tipo deve ser assegurado mediante a mobilização da população local, sua participação na formulação e na implementação das iniciativas de desenvolvimento (BUARQUE, 1999).

3 - INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Ao valorizar a mobilidade de grupos de apoio na busca de uma transparência social, observa-se que, no contexto de análise do DLS, a construção do processo é acompanhada pela constituição de uma espécie de transcendental histórico comum, imanente a todos os ‘sujeitos’ sem aspas. Através do ajuste cultural que impõe às práticas, são elaboradas: formas e categorias de percepção e de pensamento comuns; quadros sociais de percepção, de entendimento ou de memória; estruturas mentais e formas de classificação dos elementos da realidade. Deste modo, são criadas as condições de consenso sobre o conjunto de evidências compartilhadas constitutivas do senso comum (BOURDIEU, 1994 *apud* BRITO; VIEIRA, 2006). Para tanto, o êxito dos instrumentos viabilizadores da dinâmica iniciada pelo tecido associativo, para este estudo, decorre da eficácia dos seguintes indicadores de desenvolvimento local: emergência de atores sociais, criação de sistema institucional, formação de redes de cooperação e desenvolvimento de projetos coletivos.

3.1 - Atores Sociais

Uma das principais preocupações de consolidação da política de desenvolvimento local sustentável encontra-se refletida na concepção de atores sociais. No contexto semântico da iniciativa do DLS, os *atores sociais* sem itálico estão representados por “lideranças políticas, organizações comunitárias, secretários municipais, conselhos municipais,

extensionistas, conselhos regionais, sindicatos, professores”, em cujo rol não se pode deixar de incluir os empreendedores e as suas variadas maneiras de se organizarem (FILHO, 2005).

Assim, Brito reconhece que:

Atores sociais consistem na existência de uma situação favorável ao surgimento de sujeitos (lideranças comunitárias; diretores de serviços ou de agências de desenvolvimento; representantes institucionais; encarregados de funções; gerentes de projetos; empresários; operadores e representantes eleitos que sejam incentivadores ou não das políticas de desenvolvimento) cujo perfil de competência, em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes, os predestinam a representar um papel particular na realização das políticas de desenvolvimento. (BRITO, 2006, p. 9)

Como se observa na discussão acima, os atores sociais representam, na realidade, “blocos de poder” que, colocados em sinergia de interesses pela qualidade do meio ambiente e da vida podem, potencialmente, aprender e ensinar uns aos outros a transformar a realidade.

3.2 - Redes

As redes sociais são formas independentes de coordenação de interações. A marca central da rede é a cooperação, baseada na confiança entre atores autônomos e interdependentes. Nesse sentido, todos estes trabalham em conjunto por um período limitado e levam em consideração os interesses dos parceiros envolvidos, que estão conscientes de que essa forma de coordenação é o melhor caminho para alcançar seus objetivos particulares. É em função dessa capacidade de agregação que as redes têm um grande potencial para instigar processos de aprendizagem e são defendidas para a implementação de projetos de inovação, nos casos em que os riscos envolvidos apresentarem-se altos demais para cada um dos parceiros individualmente (CASTELLS, 1999). Essas qualidades da estrutura de rede é que tornam a opção comunitária tão atraente para a política local.

3.3 - Projeto Coletivo

Os projetos coletivos representam a capacidade de formulação de referências conceituais formais e informais, visando orientar e inspirar o alcance dos objetivos em função de acordos previamente estabelecidos e selecionados, concedendo significados pessoais e coletivos aos processos de mudança, impondo sentido à imaginação, à vontade, aos valores e à identidade cultural local (TEISSERENC, 1994). Para Buarque (1995), o planejamento representa uma forma de a sociedade exercer o poder sobre o seu futuro. Nesse sentido, torna-

se uma ferramenta fundamental para mediar e orientar os atores na tomada de decisão coletiva.

3.4 - Instituições

O sistema institucional pretendido no estudo tem como objetivo criar e/ou fortalecer as estruturas encarregadas de promover as políticas de DLS, tais como agências de desenvolvimento, serviços de economia de uma coletividade e estruturas intermunicipais, promovendo, também, a transformação dos serviços existentes: serviços técnicos das coletividades, serviços do Estado e estruturas municipais e outros organismos de caráter privado ou não-governamental. A empresa em desenvolvimento social, enquanto sistema social aberto visa levar a mudanças duráveis, integrar os atores do desenvolvimento e implantar projetos coletivos, criando as condições de aprendizagem e difundindo uma cultura democrática. Desse modo, tem o propósito de substituir um sistema que concede pouco lugar à mobilização social e que possui um alto grau de institucionalização da representação e da consulta, por uma dinâmica que confere aos eleitos uma excepcional legitimidade e um alto grau de participação dos cidadãos no sistema político (BRITO; VIEIRA, 2006).

4 - CULTURA

Para o presente estudo, cultura foi entendida, a partir de uma abordagem antropológica, de acordo com a visão de Freitas (1991); Motta (1997); e Morgan (1996). Entende-se que os fatos sociais não podem ser compreendidos isoladamente, principalmente quando se busca apreender a percepção de um grupo de pessoas sobre determinado fenômeno cultural. Assim, a “cultura refere-se tipicamente ao padrão de desenvolvimento refletido nos sistemas sociais de conhecimento, ideologia, valores, leis e rituais quotidianos” (MORGAN, 1996, p. 117) e que influencia a forma de ver o mundo e as práticas dos indivíduos. Desta forma, a cultura é entendida como um conjunto complexo e dinâmico de elementos materiais e simbólicos compartilhados, do ponto de vista intelectual e psicológico, e que orientam a ação humana em um contexto histórico e geográfico.

4.1 - Cultura brasileira

No Brasil, vários estudos clássicos (CUNHA, 1995; FREIRE, 1995; HOLANDA, 1994; FAORO, 1989; FERNANDES, 1987; PRADO JÚNIOR, 1987) foram elaborados no sentido de mapear sinalizações dos traços da cultura brasileira.

Traço	Características-chave
Hierarquia	Autoritarismo. Tendência à centralização do poder dentro dos grupos sociais. Distanciamento nas relações entre diferentes grupos sociais (FAORO, 1989).
Personalismo	Sociedade baseada em relações afetivas. Paternalismo: domínio moral e econômico. Mistura do público com o privado (HOLANDA, 1994).
Malandragem	Flexibilidade e adaptabilidade como meio de navegação social. “Jeitinho” (HOLANDA, 1994).
Sensualismo	Gosto pelo exótico e sensual nas relações (FREIRE, 1995).
Conservador	Elite burguesa promove mudança para não mudar a situação e o conseqüente processo de acumulação (FERNANDES, 1987; PRADO JÚNIOR, 1987).
Religiosidade	Indivíduo busca solução para o problema amparado por uma entidade metafísica e religiosa. Sincretismo religioso. Mistura entre o profano e o sagrado (CUNHA, 1995).

Quadro 1 - Sinalizações de Traços da Cultura Brasileira.

Fonte: Adaptado de Freitas in Motta e Miguel, 1997, p.44.

Na realidade, esse conjunto de fatores ilustra um dos lugares de tensa e intensa troca cultural, característicos da cultura brasileira. Eles seriam resultado da constituição histórica do País e poderiam ou não emergir nas diversas especificidades locais do país.

Hofstede (*apud* MOTTA, 1997), com relação aos valores culturais presentes na relação entre capital e trabalho, entende que, no Brasil, existe grande distância entre os trabalhadores e a elite que se encontra no poder, traço relacionado à hierarquização social. As origens patriarcais brasileiras geraram o hábito da obediência irrestrita a uma minoria social e a aceitação da estratificação por cor, dinheiro ou nome de família. Concentração e estratificação têm, certamente, implicações na forma de relacionamento comunitário e organizacional, que deixa de ser de sujeito para sujeito, para ser de superior e subordinado. Neste contexto, as relações afetivas surgem como alternativa de navegação social, a sensualidade como estratégia de sedução e manipulação e a religiosidade como uma possibilidade de saída da materialidade do cotidiano.

4.2 - Cultura Organizacional

Sobre os pressupostos da concepção antropológica de cultura, Aktouf (2007) assim a entende como:

um conjunto complexo e multidimensional de praticamente tudo o que constitui a vida em comum nos grupos sociais. [...] nesse sentido, a cultura implica uma interdependência entre história, estrutura social, condições de vida e experiências subjetivas das pessoas (AKTOUF, 2007, p. 49).

Nesse contexto de análise, as implicações perpassadas no conceito de cultura são indissociáveis das ideias que tratam da estrutura social, ou seja, dos sistemas de posicionamento na sociedade e regulamentos que disciplinam as interações entre os indivíduos. Considera a história passada, que constitui a experiência vivida dos membros dessa sociedade e que influencia, por sua vez, as condutas e as relações sociais; o desenvolvimento histórico e o seu futuro, potencialmente inscrito na memória e na evolução das pessoas e de suas relações em si (GODELIER, 1969, 1973; VALLÉE, 1985; CONDOMINAS, 1980, 1985 apud AKTOUF, 2007).

5 - METODOLOGIA

5.1 - Tipologia da Pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem de natureza qualitativa, pois se pretendeu privilegiar a concepção dos sujeitos da investigação que atuavam direta e indiretamente na organização do evento, objetivando identificar a percepção dos atores sociais internos e externos sobre a influência do fenômeno cultural dos bois-bumbás para o DLS de Parintins. Quanto aos métodos de procedimentos de coleta de dados, foram priorizados o método observacional e o estudo de caso. De acordo com Vieira; Zouain (2006), o universo e a amostra da pesquisa são fatores importantes e precisam de um cuidado especial. Por se tratar de uma pesquisa social com abordagem qualitativa, a área de abrangência do presente estudo limitou-se à organização do evento, visto que houve a preocupação em selecionar apenas um grupo de pessoas para obter amostras representativas dos envolvidos diretos - parceiros internos -, tais como dirigentes e apoio técnico da Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso (AFBBC) e Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido (AFBBG); e dos envolvidos indiretamente - parceiros externos, ou seja,

patrocinadores com maior participação financeira, como a Coca-cola e representantes da comunidade local, através de entidades como a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) e Centro das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM), escolhidos pela influência que exercem na realização do evento.

Dentre os entrevistados (parceiros internos) encontram-se: dois presidentes da AFBBC e AFBBG, dois diretores de Teatro (Boi de Arena), dois apresentadores/animadores, dois responsáveis pela marujada/batucada, dois levantadores de toadas. No que diz respeito aos responsáveis pela promoção do evento (parceiros externos) que participam indiretamente, foram entrevistados os seguintes atores sociais: dois representantes de instituições públicas e três representantes de empresas privadas. Quanto aos representantes da comunidade local, foram entrevistadas seis pessoas, entre elas um representante de movimentos sociais, um educador, um comerciante, um vendedor ambulante, um agente de viagem e um jornalista, somando-se um total de 21 atores sociais internos e externos entrevistados.

Com o propósito de identificar a percepção dos atores sociais internos e externos sobre a influência do fenômeno cultural dos bois-bumbás para o DLS da cidade de Parintins, o estudo estabeleceu variáveis norteadoras da pesquisa, as quais são resumidas nos elementos da sustentação do processo, como I - mobilização e contribuição na formação de atores sociais em Parintins; II- formação de redes de atores sociais e parcerias entre a sociedade civil, poder público e patrocinadores; III- existência de um projeto coletivo no contexto das organizações que realizam o evento cultural em estudo; e IV- modelo de sistema institucional utilizado na promoção do evento.

Contudo, ressalta-se que os pressupostos teóricos da cultura, em especial da cultura brasileira, permearam o contexto de análise de todas as variáveis, como parâmetro de entendimento das contradições que se estabeleceram no discurso dos atores sociais envolvidos. A análise de conteúdo obedeceu às seguintes fases: a- Pré-Análise: transcrição; tabulação qualitativa das falas; b- Codificação I: divisão de três grupos, representados pelos **parceiros internos**/função desempenhada nas agremiações: gerência superior, intermediária e técnicos; c- Codificação II: divisão de três grupos, representados pelos **parceiros externos** (patrocinadores: Instituições públicas, empresas privadas e comunidade local; d- Categorização temática: subdivido em quatro subgrupos, com os itens: Atores Sociais, Redes de Cooperação, Projetos Coletivos e Modelos de Instituições.

Com base nas classificações estabelecidas, houve o confronto dos dados coletados com os objetivos e interesses da pesquisa, através da análise textual e semântica. Este procedimento é apoiado em BARDIN (1979).

6 - RESULTADOS DA PESQUISA

6.1 - Percepção dos atores internos

Conforme relato dos pesquisados, a emergência dos atores sociais internos ocorre através de duas formas, no caso da escolha da presidência: no Garantido, pelo convite para pessoas que, embora sejam provenientes de Parintins, possuam qualificações gerenciais e técnicas; e no Caprichoso, de modo mais espontâneo, com a valorização de pessoas da própria comunidade. As gerências intermediárias e os técnicos são escolhidos nas duas fundações pela competência técnica. É importante observar que alguns agentes do processo são pessoas da comunidade que foram estudar em centros mais avançados e que depois retornaram a cidade de origem.

Com relação à presença de possíveis traços da cultura brasileira, verifica-se a hierarquia, pois a estrutura da organização é piramidal, e a centralização do poder formal pelos homens, uma vez que todas as funções de comando formais importantes da associação são exercidas por elementos do sexo masculino. A maioria dos contratados também é de homens. Existe um número pequeno de mulheres, as quais exercem atividades subalternas e “femininas” na parte operacional da costura e de adereços das roupas da festa. A cultura amazônica confere sentido ao ritual, já que as mulheres aparecem dentre os participantes do espetáculo para o público, exibindo beleza e sensualidade. Resgata-se, por exemplo, o grande mito do folclore amazonense: Cunhã Poranga, ou seja, a da mais bela moça da tribo que irradia beleza nativa, olhar selvagem e um lindo corpo emoldurado de penas para seduzir a plateia.

A primeira grande contradição observada reside no fato de que o boi Garantido, talvez por suas origens, considerado o boi do “povão” e que, a partir dos anos 1990, passou a ser comandado por um grupo de grandes empresários, é administrado de acordo com os preceitos da Administração moderna, que valoriza a competência formal. Este fato sinaliza para a apropriação, pelo capital, de um evento cultural, e remete a Fernandes (1987), quando constata como características da revolução burguesa no Brasil as mudanças promovidas pela

elite para que não seja mudado o *status quo* e o conseqüente processo de acumulação do capital. Por outro lado, o Caprichoso, percebido como o boi de elite, tem como presidente uma pessoa, com escolaridade média e surgida da própria comunidade.

Com relação às redes de cooperação, observa-se que, na percepção dos presidentes, estas envolvem os atores externos da comunidade. Já na percepção dos gerentes intermediários e técnicos, ela refere-se às equipes internas simbolizadas no Conselho de Arte. A primeira visão tem como foco a captação de recursos financeiros. A segunda, a qualidade do desempenho dos bois. Em nenhuma das visões verifica-se, pelo discurso dos atores, a internalização do conceito de redes de cooperação mútua, de acordo com a concepção do DLS.

Ao longo das falas dos respondentes, notam-se as questões da hierarquia, autoritarismo, tendência à centralização do poder dentro dos grupos sociais e distanciamento nas relações entre diferentes grupos sociais, traços da cultura brasileira.

A ideologia burguesa dominante é manifestada na fala do presidente do Garantido, quando exalta as empresas internacionais representantes do capital estrangeiro colaboradoras do evento, considerando apenas o *status* e os aspectos financeiros. Em nenhum depoimento é percebida a valorização dos sujeitos da história dos bois, de outras contribuições da comunidade, das lideranças locais, culturais ou sociais.

Para as gerências intermediárias e técnicos, o Conselho ou Comissão de Arte seria o grande articulador da rede de cooperação interna, ao procurar nos elementos da cultura indígena os argumentos que façam sentido e mobilizem os atores internos e a comunidade, permitindo a construção e o desenvolvimento do espetáculo.

Verifica-se, através do discurso dos Atores Internos sobre a elaboração de projetos coletivos, que os respondentes têm dificuldade de falar sobre este tema. O presidente do Garantido declara que o projeto coletivo significa a remuneração dos componentes associados dos Bois, cerca de 2.500 indivíduos, o que revela a lógica capitalista dominante, cujo foco é sempre o resultado econômico. Existem alguns ensaios de projetos coletivos, como a idealização de uma escolinha de arte, a Aldeia da Arte, cujo nome remete à cultura indígena.

Com relação ao discurso dos Atores Internos sobre Instituições, observa-se, mais uma vez, traços da cultura brasileira representados na hierarquia e no personalismo, já que apenas os presidentes falam sobre a Associação como instituição. Os relatos também expressam o resgate dos elementos da cultura indígena para dar significado ao ritual do boi.

Pelo tempo de criação das associações, pode-se concluir que o grande projeto coletivo do Município de Parintins é o fenômeno dos bois, existente há 95 anos. Entretanto, sua formalização, mediante a criação das associações, somente acontece há 25 anos. Pelo discurso do presidente do Garantido, contudo, esta iniciativa comunitária já se insere na lógica do capital e torna-se uma mercadoria para ser vendida, com a justificativa de que a venda traria benefícios para os habitantes da Amazônia.

6.2 - Percepção dos atores externos

De acordo com os resultados da pesquisa, o evento contribui com a emergência de atores sociais. No entanto, tais atores ainda não possuem um perfil que os caracterize enquanto fomentadores de políticas de desenvolvimento, como pressuposto pelo DLS. A falta de interação das parcerias, do engajamento na busca de novas oportunidades para a dinâmica local e a falta de transparência nos convênios e contratos, mostra a fragilidade com que são tratadas as decisões que envolvem os atores sociais, tanto no que diz respeito aos parceiros internos, como externos. De acordo com depoimentos obtidos, a emergência da escolha da parceria entre patrocinadores e dirigentes das Associações Folclóricas dos Bois-Bumbás ocorre de diferentes formas. Ora por convênios, ora por encaminhamento do projeto do festival às empresas para análise e seleção de patrocínio, ou contato dos próprios dirigentes das organizações dos bumbás em busca de apoio a projetos sociais para a comunidade. No entanto, percebe-se claramente nos depoimentos que as pessoas contatadas das empresas patrocinadoras não são de Parintins. Fica evidente, porém, que as relações estabelecidas em busca de patrocínio acontecem de maneira mais formal que informal.

Conforme se observa, existem, por parte das instituições públicas, iniciativas na busca de parcerias para a promoção do evento. Entretanto, fica evidente, na exposição de um entrevistado, o compromisso de o investimento cultural ficar condicionado “com o alcance do Festival” ou com “o volume de renda que ele gera” [...]. Isso implica considerar que a negociação dos interesses demonstra haver contraste do evento cultural para a apropriação pelo capital.

Pela forma como é viabilizado o repasse dos recursos para as organizações dos bumbás, evidenciam-se traços característicos da cultura brasileira, focada no modelo de gestão hierárquica, com tendência à centralização do poder dentro dos grupos promotores do evento. Apesar dos esforços articulados entre as instituições públicas, há traços

característicos, tipo de iniciativa da adoção de projetos de caráter público local, os quais, de acordo com Rosa (2002), ao priorizarem uma lógica do interesse comum, buscam fortalecer as iniciativas locais insuficientes ou ineficientes. Esta parceria emerge geralmente de uma vontade substitutiva de reagir a uma situação econômica e social desfavorável.

Após referir-se a todos os trâmites burocráticos pelos quais passa a aprovação de um projeto, um entrevistado deixa-se claro a falta de integração das parcerias, pois “[...] ninguém pertence a Parintins. Na verdade eles nos procuraram, nós fizemos as visitas, apoiamos, e aí surgiu a proposta”. Como se pode observar, a iniciativa é de responsabilidade dos dirigentes dos bumbás. Nesse sentido, não há engajamento por parte das parcerias na promoção de valores de desenvolvimento local, principalmente quando se analisa a expressão “pediram apoio para estruturar o lado social que estava há muito abandonado”. Mais uma vez, constatam-se contradições subjacentes no discurso quanto ao tratamento dado à concepção de cultura, como se os benefícios econômicos independessem da essência maior do significado de cultura.

O sistema de parcerias que constitui a promoção do evento está ligado às instituições públicas, algumas subsidiadas por Organizações Não-Governamentais (ONG's) e empresas privadas. Dados da pesquisa apontam que os apoios de patrocínio provenientes de algumas instituições já duram mais de treze anos. Estando na 43ª apresentação, os benefícios do apoio chegam para suprir alguns problemas emergenciais da infraestrutura da cidade, às vésperas do evento. Mas está longe de ser suficiente, pois os acordos dos investimentos não se realizam com todas as partes envolvidas, principalmente a comunidade local. Isso remete a Pereira (2006, p. 14), quando reconhece ser “a ausência de participação social/cidadã [...] um dos maiores limitadores da ação social”. Percebe-se haver, nos discursos, por parte das parcerias, um compromisso em apoiar manifestações culturais. No entanto, a ausência de precisão nos objetivos comuns, aliada à falta de transparência das estratégias negociadas através das parcerias, reflete uma conotação de desenvolvimento que contraria os pressupostos do DLS, principalmente por entender que parceria refere-se às ações conjuntas assumidas entre instituições públicas e privadas em torno de objetivos comuns. É um processo institucional articulado que visa somar esforços de coordenar ações, gerando sinergia e potencializando os resultados para o desenvolvimento local (ROSA, 2002).

Em momento algum são mencionadas pelos parceiros/empresa privada as estratégias de patrocínio que possam ser revestidas em políticas públicas em nível local, com interesses de aproveitamento dos recursos humanos, naturais e financeiros locais. Mais uma vez a ênfase

no discurso fica restrita a interesses econômicos da lógica de conhecimento apenas na promoção do evento em si. Quer se trate de iniciativa de indivíduos, de empresas privadas ou de iniciativas públicas, podem-se identificar dois tipos de lógica de parceria: 1. Parceria para cobertura de interesses definidos: este tipo de parceria nasce da oportunidade conjuntural (programas, financiamento excepcional, etc.). Limita-se no tempo. Segue uma lógica de projeto (encontrar e associar os fornecedores de meios e de *know-how* em torno da montagem concreta de uma operação). 2. Parceria para o desenvolvimento ou identidade do território: este tipo visa à construção de um projeto de sociedade. Baseia-se em uma abordagem pedagógica e moralizadora que é longa. A sua finalidade é, pois, uma tomada de consciência de cidadania, uma modificação dos comportamentos e um empenho responsável do maior número de indivíduos possível (ROSA, 2002).

Os paradoxos sobre o termo “sustentabilidade” são visíveis no trecho. A preocupação do entrevistado visa a melhoria de investimentos apenas de caráter quantitativo. Estando o critério “capacitação das pessoas” enquanto contrapartida de interesses. É bom registrar que a procura por essa capacitação partiu da iniciativa dos profissionais envolvidos diretamente no evento, ao avaliar diversos problemas, como a falta de segurança, de equipamentos, questões trabalhistas, entre outros. Tais problemas são divulgados pelos jornais de circulação na comunidade local cotidianamente. E, foi nesse contexto de luta, que lançaram, no ano de 2008, “um pacote” de parcerias entre a Prefeitura Municipal, a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), a Força Sindical, a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM), o Centro das Indústrias do Estado do Amazonas (CIEAM), a Coca-Cola e os bumbás Garantido e Caprichoso (FREITAS, 2008).

No relato, o respondente admite reconhecer que a festa dos bumbás está “dentro de uma estrutura capitalista [...] o que prevalece é o lucro, não o humano”. Como se percebe. O “ganho” do apoio do patrocínio está em tirar a cidade do anonimato e torná-la conhecida internacionalmente. As metas subjacentes à concepção de cultura não valorizam ações políticas articuladas na promoção do desenvolvimento participativo e autossustentável. Acredita-se ser esse campo complexo e rico em diversidade a prova de êxito para os líderes e demais atores sociais mostrarem competência, criatividade e inovação no desenvolvimento de ideias e soluções. São características mínimas e necessárias para o estabelecimento de redes de cooperação baseadas na política do DLS.

A percepção usual sobre redes de cooperação presente na visão dos atores externos apresenta paradoxos diante dos conceitos discutidos nos pressupostos do DLS. Em uma

primeira análise, a concepção de redes na percepção dos atores/empresas privadas fica limitada na negociação de valores do patrocínio. Na segunda, a compreensão remete para algumas dinâmicas da comunicação do processo em redes como, reuniões, conferências, seminários e outras.

Destaca-se, ainda, na expressão “*Graças a Deus*”, proferida por um depoente, um pressuposto implícito, característico dos traços da cultura brasileira, a religiosidade, ou seja, o indivíduo busca a solução para o problema amparado por uma entidade metafísica e religiosa. Não obstante, analisa-se ainda no discurso dos demais atores a presença da hierarquia e do personalismo (FREITAS apud MOTTA; CALDAS, 1997).

Quando se buscou conhecer as percepções dos atores responsáveis pela Coordenadoria de Turismo Municipal, do agente de viagem e vendedores de produtos artesanais, mais uma vez detectou-se haver desconhecimento sobre o significado mais amplo de redes. O trato da ausência dessas ações pode ser refletido no discurso do representante das etnias Sateré Mawé (Andirá), Vai-Vai (Oriximiná/Pará) e Ticuna (Alto Solimões), que, a convite da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), aproveitaram o período para venderem produtos artesanais.

O sentimento de pertença ao grupo e de cooperação mútua entre os atores sociais locais não acontece, de acordo com os entrevistados. Em momento algum se observam, nos discursos dos atores envolvidos, reconhecimento da comunidade, das lideranças antigas dos bumbás, aspectos culturais ou sociais. Inclusive, um desses fatores já começa a apresentar insatisfação na comunidade, como observado em matéria jornalística que reporta o seguinte: “Os desprezados ‘donos’ dos bois: Figuras que ajudaram a fazer a fama e a história dos bumbás de Parintins reclamam da falta de consideração”. De acordo com um dos sócios fundadores, “A evolução no boi devia ser acompanhada com a preservação da memória dos veteranos” (CESAR, 2008). Segundo os pressupostos do DLS, esses conflitos podem ser revestidos através da construção de um projeto coletivo.

De acordo com o resultado da pesquisa, tanto as parcerias públicas como as empresas privadas não dispõem de projetos coletivos baseados nos pressupostos do DLS. Enquanto uns cogitam a possibilidade da construção do programa, outros admitem possuir, quando acionam estratégias práticas de solução social na comunidade local através de seleção de projetos direcionados a diversos segmentos, como: artes cênicas, artes visuais, cinema, cultura, literatura, música, patrimônio edificado, entre outros.

Sabe-se do potencial das ações de todos os órgãos envolvidos com relação à responsabilidade e mobilização do pessoal às vésperas da realização do festival promovido

pelo Estado. Constata-se que, nesse período, a cidade sofre total transformação. Os equipamentos e a equipe de apoio vêm da capital. Todo o investimento na época destina-se ao bom funcionamento do evento. Entretanto, quando passa esse período, a cidade fica sem opção. A consolidação do projeto coletivo na perspectiva do DLS não se efetiva em ações fragmentadas. Na fala “[...] tem obrigação de coordenar todos, para que tudo funcione”, e no trecho “não existe um projeto coletivo, por exemplo. [...] trabalhando juntos pra apoiar uma atividade, não existe nesse nível, mas cada uma atuando na sua especificidade”. Estes marcam traços da cultura brasileira, como a hierarquia, estrutura piramidal com centralização de poder formal. Mais do que um simples programa, os projetos coletivos priorizam objetivos a serem alcançados em função de acordos previamente instituídos, que dão sentidos pessoais e coletivos aos processos de mudança. Desse modo, torna-se global, pois envolve todos os componentes da vida local e procura considerar as numerosas interações entre esses componentes, e a explorá-los como recursos a serviço do desenvolvimento (TEISSERENC, 1994). É oportuno, ainda, ressaltar as reflexões percebidas pela comunidade local quando questionada sobre a elaboração do projeto coletivo.

É nítido, no discurso, as contradições que se estabelecem entre as relações intersubjetivas, características do sistema capitalista, com um desejo latente observado na fala do entrevistado quando anseia por uma manifestação cultural realizada em projeto pensado no e pelo povo. “[...] as coisas já vêm pré-determinadas de acordo com os interesses do grupo, dos interesses do lucro”. Nessa expressão, há características da influência do modelo de produção baseado no mercado e na sociedade de classes: o estrato capitalista, que detém o capital, a propriedade, os objetos de trabalho, os meios de produção que exploram o trabalho para obter mais-valia e a camada trabalhadora, que vende sua força de trabalho. A força de trabalho é, assim como tudo no capitalismo, transformada também em “mercadoria que tem o dom de criar valor maior do que nela está contido” (TEIXEIRA, 1995, p.132).

Esta forma da divisão do trabalho fornece a lógica do modelo que se instala no contexto das organizações e das parceiras patrocinadoras do festival, pois, conforme resultado desta pesquisa, a infraestrutura vem toda de fora. Esse fato é impactante, pois, de acordo com os entrevistados, “ficamos com as ‘migalha’ [...] os artistas fazem contratos, porém são mal pagos. [...] não levam a sério os trabalhos dos artistas”. Além das influências da lógica do acúmulo do capital nas mãos da classe burguesa, verifica-se a alienação também do trabalhador (artistas plásticos) com relação à existência desse traço dentro da própria

categoria (MARX, 1985). Traço este refletido na figura do “artista de ponta”, ou seja, o “chefe” que “recebe para mandar”.

Esse afastamento nas relações de produção caracteriza formas históricas provenientes das primeiras relações sociais, influenciadas na força do trabalho escravo, “ordenado, reprimido, e calado, gerando uma estratificação social e rígida hierarquização de seus atores, estabelecendo uma distância quase infinita entre senhores e escravos” (FREITAS, In MOTTA; CALDAS, 1997, p. 46).

A ideia das ações via projeto com as parcerias citadas anteriormente atendeu a essa demanda recentemente. Anterior a essas reivindicações, constata-se um projeto idealizado pela Associação dos Artistas Plásticos de Parintins (AAPP). Com metas voltadas para a inclusão social, e, em especial, para atender às necessidades dos artistas plásticos, foi viabilizado pelas entidades locais um curso de “Expressão Visual”, realizado nas dependências da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). No entanto, o curso não teve continuidade, o que os desestimulou.

Nessa ótica, a concepção de cultura implícita nos trâmites dessas ações vai de encontro aos pressupostos de Motta; Caldas (1997, p. 34), quando entendem que a cultura:

[...] designa, classifica, corrige, liga e coloca em ordem. [...] A cultura é um sistema de símbolos e significados compartilhados, que serve como mecanismo de controle. A ação simbólica necessita ser interpretada, lida ou decifrada para que seja entendida. [...] Toda cultura é caracterizada por algum nível de continuidade.

Na tentativa de respaldar esse raciocínio, Rosa (2002) contribui com duas formas do processo de concertação¹ de parcerias: deveriam ser definidas por estruturas permanentes ou permanecer de forma latente? As duas formas apresentam prós e contras, pois a institucionalização do processo pode produzir uma excessiva burocratização e perda de entusiasmo por parte dos primeiros promotores e estimuladores do processo, ou seja, a maioria dos atores sociais locais. Entretanto, a ausência de uma estrutura pode permitir que os acordos não cheguem a ser implementados.

Mesmo não tendo ainda os parâmetros que atendem a formalidade do funcionamento de um projeto social como o encontrado em outra organização, o projeto atual do Boi Garantido prioriza importante meta em sua administração, uma vez que visa colocar em prática projetos na área social que beneficiem tanto os mais de 1900 associados do boi, quanto

¹ “Concertação” é também entendida como “articulação” em diversas propostas de desenvolvimento local. O aspecto diferenciador da “concertação” reside no fato de propor estratégias finalizadoras. Enquanto que a articulação propõe mobilização que antecede a concertação. Porém, ambos os conceitos visam o mesmo objetivo final no processo de desenvolvimento.

à comunidade parintinense. Também há a possibilidade do projeto “Revitalização do Curral da Baixa”. O objetivo deste é propor ações que resgatem valores histórico-culturais do local onde ocorreram os primeiros ensaios do Boi Garantido (RUFFINO, 2006, p. 7).

Ao analisar a percepção das organizações parceiras sobre o modelo de instituição adotado, apenas uma admitiu possuir um sistema institucional aberto. Ou seja, caracterizam-se, nesse processo, empresas em desenvolvimento social que buscam promover mudanças duráveis, integrar os atores do desenvolvimento e implantar projetos coletivos, criando condições de aprendizagem e difundindo uma cultura democrática.

Quando se busca saber da percepção das empresas parceiras e da comunidade sobre os benefícios do evento para a comunidade local, constata-se que, de acordo com os entrevistados, o evento contribuiu com fatores como: melhoria na infraestrutura da cidade, geração de emprego e renda, arrecadação e movimentação de recursos financeiros e divulgação da cultura local. Ou seja, os investimentos de apoio ao evento contribuem com um desenvolvimento insustentável, já que não elevam a qualidade de vida da população local, limitando-se ao desejo da oportunidade de emprego e da divulgação do evento no contexto internacional. Observa-se que há cobrança por ações mais significativas direcionadas “À Câmara Municipal”, o que comprova mais uma vez a fragilidade das estruturas organizacionais que operam no evento. Não há um critério explícito que procure influenciar a coordenação de estratégias de rede e projetos coletivos que privilegiem a mobilização do grupo e a transparência social na operacionalização do evento.

Pode-se perceber, ao longo da análise, a ausência de estrutura institucional que vislumbre o DLS da cidade de Parintins. Os planos e as metas de ação não são coerentes, uma vez que deixam de traduzir as vontades, valores e interesses coletivos como processo de construção de seu desenvolvimento.

7 - CONCLUSÃO

Os resultados alcançados por este estudo permitiram identificar a percepção dos atores internos e externos sobre a influência do fenômeno cultural dos bois bumbás para o DLS da cidade de Parintins. Considerando os sinalizadores de sucesso do processo, tais como a emergência de atores sociais, a formação de redes de cooperação, o desenvolvimento de projetos coletivos e a criação de sistema institucional, pode-se inferir que os pressupostos da

pesquisa foram confirmados. A seguir, discute-se o resultado da pesquisa com base nas questões orientadoras do estudo.

Com relação à mobilização e contribuição na formação de atores sociais, observou-se, pelo discurso dos atores internos e externos, que, embora o evento favoreça a emergência de atores sociais, não há integração entre as parcerias. Os investimentos provenientes do patrocínio ficam limitados aos benefícios do evento em si. Falta transparência nas decisões firmadas nos contratos e convênios entre os parceiros internos e externos que são promotores de patrocínio, entre os sócio-profissionais envolvidos diretamente na promoção do evento, como também ausência de propostas/projetos nas negociações que contemplem as necessidades do cidadão parintinense. Esse resultado reflete uma concepção que contraria o sentido do ator social promotor da política do DLS.

I- Com relação à formação de redes de atores sociais e parcerias entre a sociedade civil, poder público e patrocinadores, constataram-se paradoxos na compreensão do processo. Em primeira análise, o sentido de rede foi relacionado à negociação de valores de patrocínio. Na segunda, a percepção restringiu-se à qualidade do desempenho dos bois e a algumas ferramentas da comunicação do processo, como seminários, conferências e reuniões. Em nenhuma das visões verificou-se, pelo discurso dos atores sociais envolvidos, a internalização do conceito de redes de cooperação mútua, como sugerido nos pressupostos do DLS.

II- Com relação à existência de projeto coletivo no contexto das organizações que realizam o evento, as percepções evidenciam a não-existência de um projeto coletivo pensado nos ideais e nas metas do DLS. Dados da pesquisa mostram que as ações idealizadas, a partir de projetos dentro do contexto das organizações, atendem às necessidades específicas de cada agremiação. Com relação ao modelo de sistema utilizado nas organizações promotoras do evento, apenas uma empresa admitiu adotar um sistema institucional aberto. No entanto, verificou-se, no discurso dos sujeitos, visão antagônica entre as ações desenvolvidas, com o modelo de gestão adotado pela empresa. De um modo geral, as instituições apresentam características de estrutura hierárquica, com traços do personalismo, o que contraria a concepção de uma estrutura promotora de políticas do DLS.

De acordo com o resultado da pesquisa, apesar de o evento contar com o apoio das instituições públicas, municipais e empresas privadas, as ações desenvolvidas no segmento do evento são imediatistas e visam atender a realização do evento em si. As políticas voltadas à promoção do evento são calcadas em pacotes pré-formatados que favorecem apenas as

empresas privadas. Este modelo leva à concentração de renda, cujos impactos sociais, econômicos e ambientais, avaliados pelo custo total, são negativos.

8 - REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco. **Desenvolvimento Local e distribuição do progresso técnico: uma resposta às exigências do ajuste estrutural**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1998.

AKTOUF, Omar. O simbolismo e a cultura de empresa: dos abusos conceituais às lições empíricas. In: CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. Tradução Maria Helena C. V. Trylinski. São Paulo: Atlas, 2007 pp. 40-79.

_____. Da alienação à reabilitação do sujeito-ator numa “Cultura” compartilhada. In: **A administração entre a tradição e a renovação**. Organização, adaptação e revisão da edição brasileira Roberto C. Fachin, Tânia Fischer. São Paulo: Atlas, 1996. p. 130-147.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRITO, Lydia Maria P. **Desenvolvimento Local - alternativa de desenvolvimento sustentável no capitalismo?** In: XXVI ENEGEP. **Cadernos de Resumo**. Fortaleza. Ética e Responsabilidade Social. Rio de Janeiro: Oficina das Letras, 2006.

BRITO, Lydia Maria P.; VIEIRA, Ricardo Sérgio G. Mundialização do Capital e Desenvolvimento local: uma luta entre Davi e Golias. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL. **Caderno de Resumo** [do] X Colóquio Internacional sobre Poder Local: desenvolvimento e gestão social de territórios, 11 a 13 de dezembro de 2006. Salvador/BA. v. 10 CIAGS/UFBA, 2006. p. 38.

_____. *et al.* **Práticas de Pesquisa em gestão de pessoas**. Fortaleza: UFC, 2008

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologias do planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. 2. ed. Recife: IICA, 1999. Disponível em <http://www.cati.sp.gov.br/novacati/pemh/doc_pub/metodologia%20do%20DLMS.pdf>. Acesso em: 10 maio 2008.

CARVALHO, P. R. P; LEITÃO, P. S. **Organizações de aprendizagem: resistências culturais**. RAP, Rio de Janeiro, Jul./Ago, 25-46, 1999.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, v.1. 1999.

CESAR, A. Os desprezados ‘donos’ dos bois. **A Crítica**. Manaus. Manaus, 20 jun. 2008, p. 10, Caderno especial.

DURKHEIM, É. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Ícone, 1978.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. São Paulo: Guanabara, 1987.

FILHO, C. J. M. **Curso de capacitação de técnicos municipais para Elaboração de Planos Diretores**. In: Desenvolvimento: um processo de mudanças, atores, conceito e pressupostos, 2005, Santo Ângelo,. Campus Santo Ângelo. Santo Ângelo – RS, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões (URI). Disponível em: <www.urisan.tche.br/~cursoplanodiretor/material/marin/cap2.pdf> Acesso em: 02 maio 2008.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura Organizacional: Formação Tipologias e Impactos**. São Paulo: Makron, MacGraw-Hill, 1991.

GARCIA, Valdo. Festival dos Bumbás. **Revista Parintins Toada e Boi-Bumbá**. Manaus: RSC Editora e Produções Promocionais Ltda e Amazon Best Editora e Eventos Ltda. n°1 - Julho 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOTTA, F. C. P; CALDAS, M. P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, v.1, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTA – IBGE. **Censo, 2007**. Parintins, 2008.

PEREIRA, Patrícia G. de. O Local e o Território nos Programas de Desenvolvimento Econômico Local: Um Ensaio Sobre as Possibilidades e Limites do Caso Brasileiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL: desenvolvimento e gestão social de territórios, 10., 2006, Salvador. **Caderno de Resumo...** Salvador-BA, CIAGS- Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PRADO JR. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RATTNER, Henrique. Sustentabilidade – uma visão humanista. Scielo Brasil. **Ambiente & Sociedade**, n.5., Campinas – SP, jul./dec., 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s14414-753x1999000200020>> Acesso em: 15 Jun. 2008.

RODRIGUES, Allan et al. Caprichoso e Garantido entram na arena em defesa da Amazônia. **Revista Parintins** – Diário do Amazonas. Editora: Ana Cássia Ltda., junho de 2007.

ROSA, Sueli L. C. Temas para reflexão em desenvolvimento local sustentável. **Definindo Empreendedorismo Social**, Academia de Desenvolvimento Social, v.5. Disponível em: <www.academia social.org.br/ Recife/PE> 2002. Acesso em: 14 maio 2008.

RUFFINO, M. L. Caprichoso e Garantido. Festival Folclórico de Parintins. **Revista Jirau**. Informativo do Projeto de Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – PróVárzea - Ibama. Especial – Entrevista. nº 14 abr/mai/jun 2006. Edição especial.

SANTOS, Edvalter S. Educação e Sustentabilidade. **Revista da FAEBA**, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.I - v.1, n. 18, p.259-279, jul/dez.2002.

SANTOS, José Luiz dos. O que se entende por cultura. In: **O que é cultura**. 15 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SORRENTINO, Marcos. **Educação ambiental e universidade**: um estudo de caso... 1995. Tese (Doutorado) - Faculdade de educação – USP. 1995.

TEISSERENC, Pierre. **As políticas de desenvolvimento Local, abordagem sociológica** - Coleção Coletividades Territoriais. Paris: Editora Econômica, 1994.

TEIXEIRA, Francisco J. S. **Pensando com Marx**. São Paulo: Ensaio, 1995.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. Por uma boa pesquisa (qualitativa). In: **Pesquisa qualitativa em administração**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.